**冰雪美人**

**Literatura Chinesa Moderna II**

Caique Nº USP 0000000

Xinyue Li Nº USP 0000000

Biyan Hu Nº USP 0000000

Simon Nº USP 0000000

Sungwon Yoon Nº USP 9822261

Su Yueh Tzu Nº USP 0000000

Sofia Nº USP 0000000

**Caique**

Nossa vila chama-se "Vila do Cavalo Branco"; é um lugar bem remoto, a mais de cem quilômetros de distância da cidade. Apesar de ser pequeno, o lugar tem paisagens muito bonitas e ar puro. Nos últimos anos, começou a se desenvolver uma indústria de turismo. As pessoas vêm na primavera para ver as flores, no verão para pescar, no outono para ver as folhas vermelhas e no inverno para esquiar nas montanhas. Num investimento conjunto com uma empresa de Hong Kong, a vila construiu uma enorme pista de esqui.

Quando terminei a escola, não fui para a faculdade, mas fiquei em casa sem fazer nada além de vadiar com outros jovens da vila. Meu pai se preocupava muito, temendo que eu fosse para um mau caminho, então foi atrás de algo para eu fazer.

O irmão mais novo do meu pai era o médico da vila; eu só chamava ele de "tio" mesmo. Antigamente ele trabalhava num hospital na cidade, mas hoje ele se aposentou e abriu uma clinicazinha na vila. Meu pai me mandou para lá para estudar medicina.

No dia em que meu pai me mandou para a clínica do meu tio ele e minha tia estavam brigando. Eles me viram chegar, minha tia foi para dentro chorando e bateu a porta, fazendo um barulhão. Por dentro eu estava com medo, pensando que a briga deles tivesse algo a ver comigo. Talvez minha tia não gostasse que eu fosse lá aprender medicina.

Meu tio me olhou de relance sem dizer nada. Ele sentou numa cadeira e tirou um cigarro do bolso. O cigarro não estava bom, ele pegou outro, acendeu e começou a fumar. Meu tio fumava tanto que os dedos dele ficaram até amarelo-escuro.

Meu pai pegou dez ovos em conserva, colocou em cima da mesa, e disse: "esses aqui foram sua cunhada que preparou, podem comer.”.

O tio falou: "Estamos em família, não precisa de formalidades." Ele parecia tranquilo. Ele pegou um cigarro e jogou para o meu pai. Meu pai tentou pegar mas não conseguiu; imediatamente fui pegá-lo e consegui, então entreguei para meu pai. Olhando para mim, meu tio disse: "Pegou rápido, hein!". Eu quis contar para meu tio que eu praticava baseball no time da escola, mas não falei nada, pois antes de chegarmos lá no meu tio, meu pai disse que era para eu falar pouco e fazer muito.

Estudar medicina não é fácil. Meu pai me disse várias vezes: "Estudar medicina não é fácil, mesmo sendo com o seu tio. O tio é da família, então pode ser que ele pegue leve contigo. Mas não a tia; ela não tem relação de sangue com a gente, então ouça tudo o que ela disser." Meu pai disse: "Muito tempo atrás eu estudei numa farmácia tradicional. Ao início do segundo ano lá, eu ainda não tinha começado a aprender. Eu tinha de fazer várias coisas, ajudar a cuidar de crianças, lavar, varrer, acender o fogo... Eu fazia de tudo. É assim que se estuda medicina! É preciso falar pouco e fazer muito”.

Quando terminou de fumar seu cigarro meu tio acendeu mais um. Ele disse: "E não é bom estudar um pouco? Se não acha, vá viver de negócios! Estude medicina bem e você será bom em tudo”.

Meu pai disse: "Irmão, eu e sua cunhada temos apenas esta criança. Ele é seu sobrinho, e você e sua mulher podem mandar nele, brigar com ele, bater nele, não tem problema.”.

Meu tio falou: "Sem problema, você já pode ir. Ele mesmo quer estudar, pode deixar ele aqui. Se eu tivesse um filho eu com certeza não deixaria ele fazer isto."

Antigamente meu tio era médico no interior. Ele trabalhava com tudo: medicina tradicional, medicina ocidental, cirurgia, medicina interna, pediatria, ginecologia. Depois da abertura econômica, meu tio passou numa prova e ficou dois anos estudando num hospital da cidade. Depois de voltar, ele continuou a trabalhar no hospital da cidade, onde virou cirurgião. Lá no hospital da cidade, ele fez algumas cirurgias muito importantes, com sucesso. Ele vivia se estressando, e o hospital não fazia ideia de o que fazer ele. Quando meu tio quis se aposentar, todos concordaram imediatamente.

Depois de se aposentar, meu tio abriu aqui na vila uma pequena clínica. A clínica era bem pequena, tinha apenas dois cômodos. Ainda assim, ele colocou na porta uma placa enorme, que dizia "Grande Hospital dos Guan". Nosso sobrenome é Guan, daí o nome. Como antigamente meu tio era muito famoso, e para as pessoas da vila ir até o hospital na cidade era difícil e caro, sempre tinha bastante gente na clínica dele. Meu tio era médico, minha tia enfermeira. Minha tia era camponesa e só estudou até a terceira série. Não muito tempo atrás eles fizeram uma grande cirurgia, que deu muito certo sem que eles gastassem muito dinheiro. A fama do meu tio era cada vez maior nas vilas do interior.

A clínica do meu tio só tinha dois cômodos, um dos quais era a sala de cirurgia. Lá havia uma cama para examinar os pacientes e uma mesa, sobre a qual estavam algumas bandejas com facas e coisas do tipo. Também tinha um armário amarelo, dentro do qual havia alguns frascos de remédios. E estes eram todos os equipamentos do tal "Grande Hospital Guan".

Já fazia mais de seis meses que eu estava na clínica do tio. Neste período meu trabalho era varrer o chão, aquecer a água e ao meio dia ir comprar comida; uma marmita para o meu tio, uma para minha tia e outra para mim. À noite, meus tios voltavam para casa para dormir, enquanto eu dormia na clínica, de vigia. Meu café da manhã e o meu jantar eram miojo, e às vezes meu tio trazia mais alguma coisinha para mim. Quanto à medicina, eu aprendia um pouco. Meu tio me ensinou a reconhecer os remédios mais comuns, e quando vinha alguém à noite comprar remédios eu podia vender. No inverno, eu também tinha mais uma tarefa: acender a fornalha de centro. Todo dia de manhã, quando o tio e a tia chegavam no consultório já era para a fornalha da sala de espera estar acesa.

Meu tio tomava bastante água; pelo menos dez litros e meio de água morna por dia. Ele tinha uma caneca muito, muito grande. Era uma caneca bem velha, até preta, e ele gostava muito dela. Ele me deixava fumar, mas não deixava eu beber na caneca dele. Eu queria muito que um dia ele esquecesse a caneca na clínica para eu poder tomar água nela ao menos uma vez e saber o gosto. Porém, meu tio nunca me deu tal oportunidade, pois para onde quer que ele fosse ele levava a caneca, até para a sala de cirurgia quando ia operar alguém.

**Xinyue Li**

Um dia de manhã, eu acendi o fogo e fervi água para o tio. Limpei a mesa, varri o chão, depois comi miojo na frente da mesa. Lá fora, estava nevando, e o vento soprava do norte. No entanto, por haver uma fornalha aqui no quarto, estava muito agradável. Logo, a água da chaleira ferveu e evaporava. Parecia estar cantando. Eu ouvia o som de água fervida e, através da janela, via a nevasca do lado de fora, assim como as ruas, as casas e os rios. O mundo todo estava branco. Meu coração sentiu-se vazio subitamente.

Eu limpei a janela algumas vezes com um pano, coloquei meu rosto nela e olhei para fora.

Vi um grande cachorro preto passando. Ao mesmo tempo, enxerguei uma mulher com uma cesta andando do rio para cá. Eu conhecia ela, seu sobrenome era Meng. Ela era uma viúva. Tinha uma filha chamada Meng Xixi, que era minha colega. A sua família abriu um restaurante de *hotpot* chamado "Meng Yu Tou"[[1]](#footnote-0), por isso, as pessoas acostumaram a chamá-la de "Meng Yu Tou".

Olhando para a mãe da Meng, me lembrei de muitas coisas que tinham acontecido na escola.

A Meng tinha a mesma altura que a mãe dela, mas era mais bonita do que sua mãe. Ela era realmente muito linda. Sua testa era muito grande e brilhante, suas sobrancelhas eram muito finas e compridas. Seus olhos não eram tão grandes, mas sim brilhantes. Sua boca também era bonita, parecia uma cereja vermelha, e seu peito muito firme. Ela sempre usava sapatos de couro, andando no pátio da escola e no prédio de aula. Ela parecia muito confiante e, em comparação com as outras meninas, era mais bonita.

Nossa escola era muito conservadora, havia 58 regras. Estudantes não podiam fumar, beber, maquiar-se, fazer permanente, usar salto alto, por exemplo. Se alguém violasse as regras, seria punido ou expulso da escola. Nossa diretora era uma mulher. Seu rosto era comprido e eu o achava muito feio. Ninguém gostava dela, porém todos a temiam.

Uma vez numa reunião, a diretora estava criticando Meng: "Tem aluno que não tem jeito! Se você olhasse para si mesma no espelho, ainda acharia que é mesmo uma aluna?". De repente, todo mundo olhou para Meng. Meng não parecia estar com raiva e olhava para os dois lados. A professora então gritou para Meng: "Estou falando de você! Em que lugar você pensa que está? Aqui é a escola, não é um bar!" Nesse momento, olhei para algumas meninas que estavam rindo secretamente, pareciam muito felizes. Porém, os meninos pareciam desconfortáveis. Eu também não estava feliz. No entanto, Meng estava muito tranquila, com um sorriso em seu rosto.

Meng ainda não tinha voltado, andou no campus e no prédio todos os dias. Nossos meninos gostavam de vê-la.

Havia meninos que falavam com a Meng de propósito, outros traziam comidas gostosas para ela. Eu a trouxe uvas um dia de casa, embrulhadas no papel. Na hora de intervalo, dei-lhe as uvas e fui embora rapidamente.

Indo para a aula em breve depois daquilo, voltei à sala. Meus colegas estavam gritando e pulando, a sala estava bastante barulhenta. A Meng tinha pegado as uvas e jogado aos meninos. Eles se juntaram para pegar as uvas, enquanto ela também comia umas. Eu me senti meio triste, pois não gostei que ela deu as uvas aos outros. Mas também estava um pouco feliz por ela também ter comido algumas. Senti que a relação entre nós dois tinha ficado mais próxima. Os meninos estavam gritando quando a diretora entrou na sala. Logo todo mundo foi se acalmando lentamente.

A diretora chegou na frente da Meng com o rosto avermelhado e disse em voz baixa: "Desculpe..."

**Biyan Hu**

A professora perguntou a todo mundo: “De quem são as uvas? Quem deu para Meng?” Senti meu rosto quente e abaixei minha cabeça com pressa. Ela chamou por meu nome e me mandou dizer quem tinha dado as uvas à Meng. Na hora em que eu ia responder, Meng se levantou e disse: “As uvas são dele. Eu tirei elas[[2]](#footnote-1) da mão dele.”

A professora perguntou a mim: “Isso é verdade? Ela tirou da sua mão?”. Eu dei uma olhada nela e disse baixinho: “Sim, sou eu…” A minha voz estava muito baixa, nem eu pude ouvir claramente.

Fui eu que dei as uvas à Meng, não foi ela que tirou de mim. Mas eu tinha medo da professora e não ousei falar a verdade. Portanto, me senti mal pela Meng.

Um dia, num momento em que estava na aula, a coordenadora nos disse: “As barbearias e os restaurantes, tais como o restaurante de cabeça de peixe do Zhang, do Li ou etc., são os ofícios de erotismo.” Todo mundo olhou discretamente para Meng. Seu rosto estava pálido, mas ainda sim surgiu um sorriso nele.

Um dia de manhã, eu segui Meng até a escola. Depois do acontecimento, senti pena dela. Queria muito me explicar, mas quando fiquei finalmente de frente para ela, não consegui falar nada. No entanto, ela riu e foi embora. No caminho para o prédio de ensino, a coordenadora ficava de pé por lá e parecia brava. Os colegas não se atreveram a ir mais à frente porque ninguém quis esbarrar nela. Só a Meng foi em sua direção. De repente, eu percebi que a coordenadora estava lá justamente esperando por Meng. Parecia que meu cérebro estava em chamas quando ouvi a professora-coordenadora a chamando: "Meng! Pare!"

Eu me escondi atrás de uma árvore grande e vi que a professora tinha parado na frente de Meng. Eu não conseguia ver o rosto da minha colega por de trás da árvore. Após um tempinho, Meng abaixou sua cabeça para frente, esbarrando na boca da professora. Todo mundo ouviu a professora gritando, e depois vimos que ela cobriu sua boca com a mão. Meng virou-se para o portão da escola. Sua postura casual fez parecer que nada tinha ocorrido. Daí por diante, nunca mais voltou à escola. Ela foi expulsa, mas nós, estudantes, tinhamos achado que ela tinha saído da escola por vontade própria.

Depois que ela saiu da escola, os negócios do restaurante “Meng Yu Tou” se saíram bem com a mãe e a filha. Frequentemente, nós víamos a mãe de Meng vestindo um *qipao*[[3]](#footnote-2) recebendo os clientes na entrada. Depois de sair da aula, na escola, ouvi a coordenadora falando mal de Meng. Cada vez que eu via minha colega na rua, me sentia muito mal.

Enquanto pensava nela, olhava para fora da janela. Vi que a mãe dela ia se aproximando da entrada do pequeno hospital e também vi que seus braços estavam ficando paralisados por causa do frio. Em sua cesta, tinha dezenas de cabeças de peixe gordas.

Naquele momento, me lembrei das palavras do meu pai. Quando as pessoas tinham fofocado sobre o restaurante da Meng, meu pai tinha dito a eles, “Não falem tanto assim! Não é fácil para uma viúva gerir um restaurante tão grande com sua filha. Tenho certeza que ficariam infelizes por vocês mesmos caso descobrissem que elas ganharam dinheiro. Se elas não têm o que comer, isso é lá motivo pra ficarem contentes?” Achei que as palavras do meu pai foram muito razoáveis.

Antigamente, quando brincava com as criancinhas más, havia algumas vezes que queria comer no restaurante da Meng. Mas se ao menos visse a bonita da Meng afastado, sentia muita dor. Quando vi meus amigos a importunando, eu fui embora com pressa. Depois, cheguei a brigar feio com eles, mas sempre saía magoado e ferido pelos seus tapas. Também me queixei: “Ela é sua esposa? É sua irmã? Não, não é sua esposa nem sua irmã. Então por que é da sua conta?”

Depois de ficar aprendendo medicina com meu tio, havia muito tempo que não via Meng e nem pensava nela. Ao ver sua mãe andando pesado no campo de neve um dia, me lembrei dela. Pensava comigo mesmo, “O que ela está fazendo?”

De repente, uma coisa mágica aconteceu. Meng estava andando devagar em direção ao hospital. Sua casa ficava muito longe do hospital do meu tio. Bem na hora que eu estava pensando nela, ela surgiu!

**Simon**

Eu vi uma guarda chuva amarelo, no caminho pro hospital. No comeco, eu achei que estava errado, mas quando ela se aproximou, divergar, eu vi uma bela figura embaixo do guarda chuva. Na nossa cidade, Meng tinha a melhora aparencia. In depentemente de como ela andava, ela transmitia a todos sua nobresa e elegancia.

Meng foi chegando cada vez mais proxima. Seu rosto ficou mais nitido quanto mais perto ela chegava. Eu sabia que ela passaria na frente do hospital rapidamente. Eu tambem sabia que quando ela passase meu coracao doeria muito. Eu sopunho que qualquer coisa poderia acontecer ?????????????

No esse momento ela chegou na porta do hospital. Depois de algum tempo ela ainda nao tinha aparecido na frente da janela. Meu deus, ela ja estava na frente da porta do hospital. Eu approximei meu rosto ao vidro da janela, e eu a vi na frente da porta, olhanda pra porta. Ela levantou sua mao, e parou por um segundo. Parecia que ela estava pensando sobre alguma coisa, e entao e o vi o som da batida na porta.

Eu dei um pulo e corri, pra abria porta. Seu rosto sintilante me deixou tonto. De repente meus olhos comecaram a lacrimejar. Uma brisa gelada trouxe neve pra dentro do recinto, parecia que tambem trouxe uma fragrancia delicada. Eu sabia que era o perfume do seu corpo.

Ela educadamente me acenou com a cabeca e susurrou: “o doutor guan esta aqui?”

Eu disse: “nao”, eu senti os meus dentes baterem.

Eu vi que ela estava decepcionada. Eu falei immediademente: “meu tio chegara logo. Ele nao deixara de vir. Ele certamente virar.”

Ela sorriu, dobrou seu guarda chuva, limpou seu sapatos varias vezes e entrou. Ela colloqou seu guarda chuva atras da porta e tirou seu casaco de caxemira preto e fechou a porta. O mundo frio ficou atras da porta. O fogo na lareira estava forte, dentro da casa havia somente duas pessoas. Meu coracao estava pulando de alegria. Eu colloquei a cadeira que meu tio normalmente senta na frente dela. Entretanto ela se sentou no banquinho dos patientes, e colocou o casaco de caximera sobre seus joelhos.

Agora conseguia ver claramente, ela estava vestindo uma saia branca que quasi na altura do seus pes. A saia era de muito boa qualidade, parecia muito lisa. Ela estava vestindo um par de sapatos brancos e um lenco branco na cabeca. Ela desamarrou o lenco e disse: “Esta muito quente aqui.”

Eu nao sabia o que falar e nem fazer pra ela. Eu ouvi o que ela disse e peguei a chaleira, e coloquei mais carvao na lareira.

Eu a ouvi perguntar nas minhas costas: “como estar seus estudos? Esta tudo certo?”.

Eu disse meio sem jeito: “bem, nao aprendi nada… voce sabe eu sou devagar.”

Eu ouvi sua rissada mas ela parou de rir immediatamente. Antes ela nao era assim, sua rissada era bem alta e clara. Eu levantei minha cabeca, e a vi abracar o seu casaco e lenco na sua barriga, como se ela estivesse com medo de alguem toma-los dela. Seu rosto estava palido, e a sua testa molhada de suor. Eu perguntei: “como voce esta? Voce esta se sentindo mal?”

Ela disse: “nao e nada”

Eu disse: “espere, vou ligar para o meu tio”

Eu sai correndo do recinto, mas so tinha dado alguns passos quando eu dei de cara com meu tio e tia. Eu rapidamente disse: “tio, vem depressa!”

Meu tio falou irritado: “o que foi?”

Eu falei: “tem uma paciente”

Meu tio bufou. Minha tia perguntou: “quem é?”

Eu disse meio sem jeito: “é a meng”

Meu tio olhou no meu olho, bufou de novo e falou: “Qual tipo de doente?”

Minha tia disse friamente: “DST”

Quando chegamos no hospital, eu abri a porta e deixei meu tio e minha tia entrarem primeiro. Meng pegou o casaco e o lenço e levantou-se e disse: “Ola doutor guan”

Meu tio bufou. A minha tia olhou Meng dos pés a cabeça e falou:

“Antes você era a Meng Xizinha, o que aconteceu, onde você tem o dor? Não precisa levanta, senta la”

**Sungwon Yoon**

Meng voltou ao banquinho quadrado. Vi o rosto dela ficar cada vez mais pálido e correr suor na sua testa.

O tio parou na frente da porta e, com o chapéu, tirou a neve que estava no corpo. Eu estava muito preocupado. O tio tirou o casaco, colocou o jaleco e foi lavar sua xícara. A água do chaleira já estava fervendo. "Tio, a água já está pronta para fazer chá" falei a ele.

Ele tragou o cigarro algumas vezes e, em seguida, tirou da bolsa a xícara grande, abriu a lata e pôs as folhas de chá na sua palma da mão. Colocou as folhas dentro da xícara e logo despejou a água para enchê-la.

O tio olhou surpreso para mim e acenou com a cabeça. Ele colocou o jaleco e trouxe a tinta e a receita. Perguntou a Meng: "Onde está doendo?".

Ela moveu um pouco o banquinho e se acercou ao tio. Quando ela estava prestes a falar, ouviu-se um choro vindo de fora da porta: "Doutor Guan, doutor Guan, por favor, salve a minha mãe..."

Em seguida, a porta foi arrombada. Uma mulher gorda, vestida de roupa preta, entrou rapidamente. De primeira vista, a reconheci. Ela era a Sun Qigu da vila.

O tio deu uma batida na mesa e entediadamente falou: "Porque você está gritando? O que tem a sua mãe?"

Sun Qigu disse: "Minha mãe não está muito bem..."

O tio perguntou: "O que aconteceu?"

Ela gritou ainda mais alto: "Vômito, dor de barriga. Mas meus dois irmãos não se importam nem um pouquinho com a minha mãe."

Ele respondeu: "Traz ela, não vou sair para examinar."

Sun Qigu disse: "Ela já está vindo, deixa eu te contar uma coisa."

Neste momento, ouviu-se vindo da rua o grito de uma mulher: "Estou morrendo..." Os dois irmãos da Sun Qigu usaram uma porta para trazer a mãe até a frente do hospital e a soltaram em cima da neve. Ela tinha um corpo longo e magro, cabelo grisalho, e não parava de se levantar e deitar, levantar e deitar. Os filhos ficaram apenas olhando-a. O tio falou: "O que vocês estão fazendo aí fora? Tragam ela."

Os dois irmãos da Sun Qigu queriam entrar com a porta mas não conseguiram. O tio então disse novamente: "Deixe a porta e levante ela." Um irmão segurando a perna e o outro segurando a cabeça finalmente colocaram a mãe em cima da cama de hospital. O tio tomou alguns goles de chá e começou a examiná-la. A mulher velha gritou: "Vou morrer, vou morrer..!"

O tio tocou a barriga dela com a mão e disse: "Você não vai morrer, É só apendicite. Uma cirurgia já basta."

O irmão da Sun Qigu perguntou ao doutor: "Quanto vai custar?"

O tio respondeu: "Quinhentos."

Outro irmão da Sun Qigu resmungou: "Quinhentos..."

O tio perguntou: "Vai fazer cirurgia ou não? Se não for fazer, já podem tirar ela."

Sun Qigu respondeu apressadamente: "Faz, sim! Faz, sim! Doutor Guan, façamos cirurgia sim. O dinheiro não é problema. Se eles não pagarem, eu mesma pago."

Ela olhou impositivamente aos dois irmãos e disse: "Só temos uma mãe. O dinheiro que gastamos podemos recuperar, mas se ela morrer, isso não tem mais volta."

O tio falou à tia: "Prepare-se para a cirurgia."

A tia, lavando as mãos, disse: "Por uma cirurgia como essa na cidade vocês teriam que pagar pelo menos 3 mil".

Ele voltou a tomar a metade do copo, acenou a cabeça para Meng e foi lavar as mãos. Ela parecia queria falar alguma coisa, mas não disse nada.

Dentro da sala de cirurgia, ouviu-se um grito alto que cessou logo em seguida. Os dois filhos da família de Sun estavam agachados ao lado da fornalha de centro, sem parar de fumar. O cheiro da sala era muito desagradável. Meng parecia estar com dor, mas ficou sentada firme, apenas as duas mãos mexendo continuadamente, segurando e soltando o casaco e o cachecol.

**Su Yueh Tzu**

Perguntei atenciosamente a ela: “Você está sentindo dor?”

Ela concordou com a cabeça e logo em seguida discordou. Vi lágrimas nos olhos dela, fiquei muito triste. Ouvi ela dizendo baixinho: “Por favor, abra a porta….”

Abri a porta, a neve e o vento gelado entraram. Mèngxíxi abriu a boca para respirar o ar fresco.

Lavei a tigela que usei para o miojo, enchi de água pela metade, entreguei-a a ela e disse: “Beba um pouco de água.”

Ela balançou a cabeça, sorriu esforçadamente e disse baixinho: “ Obrigada”.

Ansiosamente, ora eu escutava os sons dali de dentro, ora eu olhava para a sala através do vão da porta, pensando se o tio poderia terminar a cirurgia logo para atender Mengxixi.

Finalmente, a cirurgia foi terminada.

A tia saiu também e disse, entediada, aos irmãos da família Sun: “Leve-a, leve-a, tragam o dinheiro mais tarde.”

Eles então finalmente foram embora. O tio trocou de roupa, fumou, tomou uma boa quantidade de chá e se preparou para atender Mèngxixi. Neste momento, um homem alto esbarrou na porta de repente e entrou com as mãos cobrindo o rosto.

Gritando, ele disse: “Me salve doutor Guân.”

O tio perguntou: “ O que aconteceu?”

A pessoa tirou a mão do rosto todo ensanguentado com um olho pendurado para fora. Rapidamente, cobriu o rosto de novo. Parecia que tinha medo de ser visto pelos outros. Eu o reconheci, era o Makui. Ele trabalhava com fogos de artifício.

Makui disse chorando: “Eu estou muito azarado hoje, estava pensando em fazer um experimento no dia de neve, mas não esperava explodir meu olho.”

O tio disse impiedosamente: “Bem feito”.

Ele então disse chorando e gritando: “Me salve, tenho uma mãe de oitenta anos em casa…”

O tio disse: “O que isso tem a ver com sua mãe?”. Levantou rapidamente e foi lavar as mãos.

Apoiado na tia, Makui entrou na sala de cirurgia. O tio também entrou na sala, de novo, sem atender Mengxixi.

Fiquei insatisfeito com o tio. Parecia que ele não queria atendê-la propositalmente porque sei que tinha tempo suficiente.

Mengxixi também percebeu isso. Ela balançou a cabeça para mim quando olhei para ela. Parecia que estava me dizendo que me compreendia.

Fiz uma nova tigela quente de chá para ela tomar, mas ela balançou a cabeça. Pedi então para ela deitar-se um pouco na cama lá de dentro.

Makui estava gritando sem parar na sala de cirurgia. Olhei para as horas, já era quase meio dia. Precisava comprar marmita, mas estava muito confuso naquele dia e sem fome. Perguntei a Mengxixi: “Você está com fome? Posso comprar uma marmita para você?”

Ela continuou balançando a cabeça levemente. Não via mais suor no seu rosto, apenas sua cara amarelada, lábios esverdeados e aqueles olhos brilhantes de antes que agora tinham se apagado. Na minha memória, ela sempre estava bem, sua voz sempre soava bonita. Mas naquele momento, era tão silenciosa e sofria tanto para sorrir... Só conseguia balançar a cabeça de leve.

Não percebi quando a neve parou e o vento de repente também ficou mais fraco. O sol raiou e nossa sala clareou. Eu disse a ela: “ A neve parou, o sol saiu.”

Ela não concordou nem discordou. Também não respondeu. Percebi de repente que seu rosto estava transparente como gelo. Gritei alto: “ Xiexie!”

Ela não teve nenhuma reação. Corri e dei umas batidas em seus ombros, mas ela parecia não ouvir nada, e sua cabeça tombou de lado.

Escancarei porta de cirurgia e gritei alto: “ Tio, tio!”

O tio, entediado, disse: “ O que você está gritando?”

“Mengxixi…Ela parece que morreu…” falei e comecei a chorar.

O tio saiu correndo rapidamente e ajoelhou-se diante dela, verificou sua respiração, pegou em seu pulso e analisou seus olhos.

Ele aplicou o estimulante cardíaco, começou a socar seu coração e usou o desfibrilador. No fim, o tio simplesmente levantou desanimado.

1. Na história, o restaurante de *hotpot* servia especificamente cabeça de peixe. Yu Tou (鱼 头) significa cabeça de peixe. [↑](#footnote-ref-0)
2. No lugar de "tirei-as", a tradução "tirei elas" cabe neste contexto informal de fala, inclusive dado que são crianças falando. [↑](#footnote-ref-1)
3. Qipao (旗 袍) é um vestido tradicional chinês, normalmente vermelho. [↑](#footnote-ref-2)